



## EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE NA PANDEMIA DA COVID-19: MAPEAMENTO DAS AÇÕES DE MOVIMENTOS POPULARES<sup>1</sup>

Caio Oliveira da Silva<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo visa analisar as ações de Educação Popular em Saúde realizadas por movimentos sociais durante a pandemia da Covid-19. Esse período pandêmico evidenciou as desigualdades sociais, impactando mais negativamente a vida da classe trabalhadora. Seguindo uma perspectiva de Educação Sanitária, as medidas propostas pelos órgãos de saúde, como o distanciamento social, a higienização das mãos e a utilização de máscaras, ainda que sejam fundamentais para o enfrentamento da pandemia, acabam por, muitas vezes, desconsiderar o contexto social, econômico, cultural, político e histórico das classes populares. Em contrapartida, surgem movimentos populares baseados em uma perspectiva de Educação Popular em Saúde que vai buscar um diálogo horizontal com as camadas periféricas da sociedade e não impor medidas, comportamentos e hábitos descontextualizados com suas realidades. Nesse sentido, realizamos um mapeamento dos movimentos populares durante a pandemia para compreender como essas organizações estão se articulando em meio a esse momento. Por fim, a partir desse levantamento, propomos uma reflexão acerca de uma proposta de Educação em Saúde que considere as subjetividades dos sujeitos para realizar um trabalho social, humanitário e educativo que seja, de fato, popular.

**Palavras-Chaves:** Educação popular em saúde. Pandemia da Covid-19. Movimento sociais.

### POPULAR HEALTH EDUCATION IN THE COVID-19 PANDEMIC: MAPPING THE ACTIONS OF POPULAR MOVEMENTS

#### Abstract

This article aims to analyze the actions of Popular Education in Health carried out by social movements during the Covid-19 pandemic. This pandemic period highlighted social inequalities, impacting more negatively the life of the working class. Following a Sanitary Education perspective, the measures proposed by the health agencies, such as social distancing, hand hygiene, and the use of masks, even though they are fundamental for fighting the pandemic, often end up disregarding the social, economic, cultural, political and historical context of the popular classes. On the other hand, popular movements emerge based on a Popular Education in Health perspective that seeks a horizontal dialogue with the peripheral layers of society and does not impose measures, behaviors, and habits out of context with their realities. In this sense, we mapped popular movements during the pandemic to understand how these organizations are articulating during this moment. Finally, from this survey, we propose a reflection on a proposal for Health Education that considers the subjectivities of the subjects to carry out social, humanitarian, and educational work that is, in fact, popular.

**Keywords:** Popular Education in Health. Covid-19 pandemic. Social movements.

### LA EDUCACIÓN EN SALUD POPULAR EN LA PANDEMIA DEL COVID-19: MAPEO DE LAS ACCIONES DE LOS MOVIMIENTOS POPULARES

#### Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar las acciones de Educación Popular en Salud llevadas a cabo por los movimientos sociales durante la pandemia de Covid-19. Este período de pandemia puso de relieve las desigualdades sociales, impactando más negativamente la vida de la clase trabajadora. Siguiendo una perspectiva de Educación Sanitaria, las medidas propuestas por los organismos de salud, como el distanciamiento social, la

<sup>1</sup> Artigo recebido em 10/09/2021. Avaliação em 26/09/2021. Aprovado em 24/11/2021. Publicado em 17/12/2021

<sup>2</sup> Graduando do curso de Pedagogia na Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [caiooliveirasilva@id.uff.br](mailto:caiooliveirasilva@id.uff.br). Currículo Lattes: [https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG\\_MENU.menu?f\\_cod=432490819590F3E5D9A181A1F1B482B](https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=432490819590F3E5D9A181A1F1B482B) 3#

higiene de las manos y el uso de mascarillas, si bien son fundamentales para combatir la pandemia, muchas veces terminan desconociendo el contexto social, económico, cultural, político e histórico de las clases populares. Por otro lado, los movimientos populares surgen con una perspectiva de Educación Popular en Salud que busca un diálogo horizontal con las capas periféricas de la sociedad y no impone medidas, comportamientos y hábitos fuera de contexto con sus realidades. En este sentido, realizamos un mapeo de los movimientos populares durante la pandemia para entender cómo se articulan estas organizaciones en medio de este momento. Finalmente, a partir de esta encuesta, proponemos una reflexión sobre una propuesta de Educación para la Salud que considere las subjetividades de los sujetos para realizar una labor social, humanitaria y educativa que, de hecho, es popular.

**Palabras clave:** Educación Popular en Salud. Pandemia de Covid-19. Movimientos Sociales.

## Introdução

Ao final de 2019 fomos apresentados a um microrganismo que, de acordo com dados da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj)<sup>3</sup>, mede menos de 0,2 micrometros<sup>4</sup>, um tamanho irrelevante quando comparado às medidas convencionais. Pensando nisso, como poderíamos imaginar que um organismo deste tamanho poderia impactar significativamente o mundo?

Apesar de ser conhecido globalmente em dezembro de 2019, o coronavírus já tinha aparecido em 2003, na China, quando afetou cerca de 800 pessoas, causando 1 morte a cada 10 infectadas. Segundo informações da Fiocruz<sup>5</sup>, após esse primeiro aparecimento, o vírus ressurgiu no ano de 2012, no Oriente Médio, mais especificamente na Arábia Saudita. Desta vez, ele contaminou menos pessoas, porém foi 3 vezes mais letal, com 1 morte a cada 3 pessoas contaminadas.

Após seus dois primeiros aparecimentos de menor impacto, surgiu o novo coronavírus, o Sars Cov-2. Nesta ocasião, a Covid-19 atingiu proporções mundiais, fazendo com que a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretasse uma pandemia no dia 11 de março de 2020<sup>6</sup>. De acordo com o site worldometers.info<sup>6</sup>, até a data de lançamento desse artigo, já se tem registrado mais de 209 milhões de casos e mais de 4 milhões de mortes por causa da doença no mundo.

Assim como no restante do planeta, a pandemia chegou ao Brasil e até o momento foram registrados mais de 20 milhões de casos e mais de 570 mil mortes, segundo dados do site worldometers.info. Além dos trágicos números, ela também trouxe consequências e impactos

---

<sup>3</sup> Disponível em:

<https://www.fundaj.gov.br/index.php/educacao-contextualizada/12266-virus-sao-os-unicos-organismos-aceulares-da-terra-atual>.

<sup>4</sup> O Micrometro equivale a milésima parte de um milímetro.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/covid-19-ponto-a-ponto-do-novo-coronavirus/>

<sup>6</sup> Matéria disponível em:

<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>

<https://www.worldometers.info/>

sociais para a população em diversos aspectos e de diferentes maneiras, e ainda evidenciou a proporção da desigualdade social que assola o país.

Em meio a esse contexto apresentado, será proposto neste trabalho uma análise sobre as concepções de educação em saúde presentes na pandemia da Covid-19 no Brasil. Em seguida, apresentamos um levantamento sobre as ações, dos movimentos populares, realizadas durante a pandemia, buscamos discutir seus objetivos e desdobramentos, tendo como referência a proposta da educação popular em saúde.

### **A pandemia e a crise econômica**

É notável que a crise do coronavírus trouxe consequências para o nosso país e em diferentes setores, desde a ascensão do negacionismo científico até a grave crise econômica que, como diz Costa (2020), esse agente infeccioso teve aparições desde 2008, mas só se agravou agora.

A classe trabalhadora sofreu diretamente com as consequências enfrentadas em meio ao contexto pandêmico, o número de desemprego e de pessoas que saíram da formalidade para o trabalho informal aumentou em grande proporção. De acordo com dados do IBGE<sup>7</sup>, no primeiro trimestre de 2021 o número de desempregados no Brasil era de 14,8 milhões de pessoas, ao mesmo tempo que que apenas 48,9% daqueles com idade para trabalhar estavam integrados ao mercado de trabalho.

Com esses números preocupantes diante de um cenário devastador que estamos enfrentando. A pandemia não gerou somente uma crise nacional:

O impacto da pandemia sobre as economias do mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho, chega a atingir 2,7 bilhões de trabalhadores, 81% do montante mundial. O desemprego cresceu 6,7% no mundo, no segundo trimestre, atingindo mais de 195 milhões de trabalhadores, que trabalham em regime de 48 horas semanais. Na América Latina e Caribe, desses trabalhadores, 14 milhões se tornaram desempregados, e, na Índia, 400 milhões ficaram sem rendimentos durante a pandemia. Esses dados ainda são provisórios, pois o ritmo da pandemia ainda é ascendente e incerto, sendo a sua real proporção difícil de ser mensurada. Mas o impacto já é calamitoso, pois 40% da população mundial se encontra em isolamento social e sofrendo as consequências dessa situação de caos, em que a falta de políticas sociais amplifica a crise sanitária. (COSTA, 2020, p.4-5)

---

<sup>7</sup> Disponíveis em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>

A campanha “Fique em Casa” do Governo de São Paulo, que grande parte dos estados brasileiros aderiram no início e no decorrer da pandemia, salientou a importância do isolamento e do distanciamento social que são ações fundamentais para conter o contágio do coronavírus. Porém, essa medida quando não está acompanhada de políticas sociais necessárias para que os trabalhadores possam colocar em prática os cuidados em relação à pandemia, demonstra o desconhecimento dos governantes com relação à realidade da classe trabalhadora que em uma sociedade capitalista, muitas vezes, o trabalho significa a sua única forma de sustento. Em decorrência disso, surgiram inúmeros relatos como: “Se eu não morrer desse vírus, morro de fome. Não posso parar de trabalhar.”<sup>8</sup>. Outro exemplo é observado em um vídeo divulgado pelo G1<sup>9</sup> que mostra Rosângela, uma mulher negra, mãe de 5 filhos e moradora da comunidade do Coque em Recife-PE, relatando seu drama vivido em meio ao desemprego em plena pandemia, somado a suspensão do programa Bolsa Família em março de 2020 e a campanha “Fique em Casa”: “Se não sair de casa, como é que eu, meus filho [sic], vão [sic] sobreviver, vão [sic] se alimentar? Se o meu único benefício, era o Bolsa Família, foi cortada [sic]?”

De acordo com Valla (1996), a classe trabalhadora possui a ideia de provisão, ou seja, estão preocupados em garantir sua subsistência hoje e não com o futuro em si, devido às influências do seu passado. Em contrapartida, muitas medidas adotadas pelo governo na pandemia, a preocupação girou em torno do futuro, em prevenir o contágio, desconsiderando o passado das pessoas e o contexto que as cerca, ou seja, partem do princípio de previsão. Portanto, vale salientar que essas pessoas não são ignorantes por questionarem as medidas recomendadas, são apenas sujeitos com preocupações e prioridades diferentes.

Como meio de solução para diminuir o impacto da pandemia financeiramente, foi sancionada a Lei 13.982 em abril de 2020, no qual criou o auxílio emergencial e proporcionou ao trabalhador o recebimento mensal de 600 reais pelos próximos 3 meses a partir da data em que a lei entrou em vigor no país (Brasil, 2020). Vale ressaltar que, também, no início da pandemia, ainda em abril de 2020, foi aprovada a Medida Provisória nº 936 e nela constava a

---

<sup>8</sup> Reportagem disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/03/22/se-nao-morrer-desse-virus-morro-de-fome-diz-ambulante-de-65-anos.htm>

<sup>9</sup> Vídeo disponível em: <https://g1.globo.com/pe/peernambuco/video/escolher-morrer-de-fome-ou-de-coronavirus-diz-mae-de-5que-teve-bolsa-familia-cortado-8522147.ghtml>

redução da jornada de trabalho e de salário em até 75% a fim de tentar conter o agravamento da crise financeira do país. Porém, de acordo com Schuchmann et al (2020), essa medida trouxe ainda mais instabilidade social do que de fato um ganho para a economia do país.

Já o auxílio emergencial aprovado pelo governo federal, segundo Bueno et al (2021), foi uma proposta da oposição que reivindicava um apoio financeiro do governo às pessoas mais atingidas financeiramente pela pandemia e, inclusive, sofreu resistência por parte do atual governo. Posteriormente, esse auxílio foi postergado, só que com um reajuste de 50% em seu valor, ou seja, passando a valer 300 reais.

Apesar do auxílio financeiro concedido à classe trabalhadora ter colaborado para melhoras na economia neste período de pandemia, ele não foi suficiente para diminuir o fosso, de condições necessárias, existente entre as classes marginalizadas e as classes mais altas diante do enfrentamento à crise econômica.

No início de 2021 veio a suspensão do Auxílio Emergencial durante os 3 primeiros meses e a retomada dos pagamentos só aconteceu em abril junto com uma redução significativa dos seus valores, ou seja, de 300 reais passou para 375 reais para mulheres chefes de família e 150 reais para os que moram sozinhos sem dependentes. De acordo com Gonçalves et al (2021) essa redução do valor do auxílio emergencial trouxe severos impactos sociais, principalmente para mulheres e negros, que são os mais atingidos pela pandemia, pois esses grupos sociais, em sua maioria, se encontram alocados em periferias e locais marginalizados com menor aporte financeiro, sem condições de manterem o isolamento social ao mesmo tempo em que se sustentam com essa quantia irrisória paga pelo governo. Portanto, essas pessoas que possuem carência financeira tendem a se arriscar em meio ao vírus para buscar melhores formas de sustento.

Bueno et al (2021) afirma que além da pandemia trazer à baila as desigualdades sociais já existentes, as populações vulnerabilizadas são, comprovadamente, afetadas de forma negativa nesse contexto porque elas estão mais sujeitas à exposição ao vírus, a maior dificuldade em ter acesso a diagnósticos e tratamentos, além da falta de acesso a: habitações adequadas, tecnologias, água e saneamento, alimentação e nutrição apropriadas, entre outras.

Seguindo esse raciocínio, podemos perceber que o agravamento da pandemia ocorre devido a inúmeros fatores sociais que vão além da questão biológica e além da ideia de que a

saúde do sujeito se resume somente a estar ou não com a doença, mas sim que esse processo envolve outras condições que também influenciam no processo de saúde dos sujeitos.

### **Educação Popular e as camadas populares**

Entender a saúde como um processo que envolve diversos outros fatores é compreendê-la através de uma perspectiva mais humanizada, contrariando as concepções mais biológicas e autoritárias. Vasconcelos (2004) define que a Educação em Saúde é um espaço de encontro entre os conhecimentos dos profissionais com os saberes da comunidade. Vale ressaltar que essa relação pode ser feita tanto de modo mais vertical quanto por meio de uma relação horizontal e de caráter dialógico.

De acordo com Nespoli (2016), uma proposta mais vertical e autoritária se encaixa no modelo de Educação Sanitária. Segundo a autora, essa perspectiva entende a saúde como algo meramente biológico, resumindo-a a ausência ou não de doenças e a partir dessa ideia adota medidas higienistas. Como consequência, as ações educativas eram importantes para que as pessoas aderissem novas práticas, hábitos e comportamentos que diminuíssem o contágio da doença:

Essa concepção nega tanto uma percepção quanto uma análise mais aprofundada da dimensão social do processo saúde-doença, quer dizer, não aborda os problemas de saúde em relação às condições de vida das pessoas, condições definidas pela realidade social, cultural, econômica e política do país, de suas diversas regiões e territórios. (NESPOLI, 2016, p.47).

Nespoli (2016) ainda afirma que apesar de os especialistas, na época, entenderem que as pessoas mais pobres tinham mais chances de se contagiar com as doenças, eles não defendiam a ideia de que era necessário haver melhorias nas condições de vida dessas pessoas, mas sim preferiram adotar medidas de limpeza nas cidades, expulsando-os dos centros urbanos e colocando-os à margem da cidade, ou seja, deixando-os ignorados.

Ignorar, de acordo com Luft (2000), é um verbo transitivo direto que significa: não saber, não ter conhecimento. Por muito tempo, a população mais pobre da nossa sociedade foi ignorada, não sendo levada em consideração nas ações públicas e nas propostas educativas de saúde no modelo higienista da Educação Sanitária. Foi somente na proposta de Educação Popular em Saúde que a participação popular passou a ser considerada nas propostas educativas.

Segundo Nespoli (2016), foi por volta da década de 50 que surgiram movimentos de educação que estimulavam a emancipação e a autonomia da classe popular. O trabalho de Paulo

Freire foi muito importante para essa mudança na concepção de educação. Para Freire (2019), a educação deve ser construída com o sujeito e não para ele, sendo através do exercício de reflexão sobre a opressão que lhe é imposta e sobre o contexto histórico/social/cultural/econômico/político que o cerca, que a pessoa conseguirá lutar pela sua libertação da opressão a qual é submetida.

A Educação Popular em Saúde vai se basear nessas ideias do autor. Vai entender o outro como sujeito de saberes e não mais como ignorantes e vazios que precisam ser “preenchidos” por conhecimentos, mas sim que eles possuem “saber sobre si, sobre seu corpo, seu modo de vida e cuidado, sua família, seu trabalho, sua comunidade, suas necessidades, entre outros.” (NESPOLI, 2016, p.50)

Valla (1996) afirma que os saberes das classes populares são construídos de acordo com suas vivências e experiências no cotidiano, mas isso não torna seus conhecimentos inválidos. Muitas das vezes, quando os profissionais entram em contato com a comunidade acreditam que os sujeitos que ali habitam precisam de conhecimento, pois acham que eles não possuem saberes suficientes, mas na verdade são só aprendizados diferentes entre si.

Essa concepção de Educação em Saúde vai buscar articular os saberes científicos com os da comunidade, buscando promover uma participação ativa dessas pessoas nas ações de saúde e respeitando a diversidade cultural existente nos espaços.

Um estudo feito pela Universidade Aberta do SUS na Universidade Federal de Santa Catarina<sup>10</sup> apresenta o “conceito ampliado de saúde” que foi abordado na 8ª Conferência Nacional de Saúde (CNS) ocorrida em 1986. Esse novo conceito determina que a saúde resulta de outras condições, como a alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, posse da terra e acesso aos serviços de saúde. Ou seja, a saúde não é concebida como algo abstrato, mas sim determinada pelo contexto histórico em que ela está inserida e por todo repertório que o indivíduo carrega.

No dia 18 de março de 2020, a influenciadora digital Gabriela Pugliesi publicou, em sua conta no Instagram, um texto romantizando o coronavírus. Com diversas afirmações bastante controversas, Pugliesi afirmou que: “Estamos todos no mesmo barco”<sup>11</sup>. De fato, a pandemia

---

<sup>10</sup> Estudo

disponível

em:

[https://uniasus2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/6126/mod\\_resource/content/1/Conteudo\\_on-line\\_2403/un03/obj7.html#:~:text=Conceito%20Ampliado%20de%20Sa%C3%BAde%3A%20Em,acesso%20a%20servi%C3%A7os%20de%20sa%C3%BAde](https://uniasus2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/6126/mod_resource/content/1/Conteudo_on-line_2403/un03/obj7.html#:~:text=Conceito%20Ampliado%20de%20Sa%C3%BAde%3A%20Em,acesso%20a%20servi%C3%A7os%20de%20sa%C3%BAde). Acessado em: 22 de agosto de 2021.

<sup>11</sup> Matéria

disponível

em:

impactou a vida de todo o planeta, mas será que todos foram impactados da mesma forma? Ou melhor, estamos todos de fato no mesmo barco?

Algumas diretrizes foram consideradas importantes para diminuir o contágio do vírus da Covid-19. Segundo uma publicação do Ministério da Saúde do Brasil<sup>12</sup> feita em abril de 2020, as recomendações gerais para se proteger do vírus eram: distanciamento social, higienização das mãos e uso de máscaras pela população.

O distanciamento social foi uma das medidas que mais influenciaram na rotina das pessoas, pois presenciamos o fechamento de estabelecimentos comerciais, escolas, igrejas, bares, academias, restaurantes e até barreiras sanitárias foram colocadas em determinadas regiões para evitar aglomerações. Inclusive, medidas mais severas como toques de recolher e até mesmo “lockdown” foram adotadas em algumas partes do país.

Nas favelas e em áreas de moradia precária presenciamos casas com somente um cômodo, pouca ventilação e muitas pessoas dividindo espaços pequenos. Em uma reportagem feita pela Data Labe<sup>13</sup>, uma organização de mídia e pesquisa sediada na Favela da Maré, mostra as dificuldades de se manter um isolamento social na favela em meio a tantos problemas. Diante dessa realidade, nota-se a grande aglomeração de pessoas e casas por metro quadrado nas comunidades. A exemplo disso, podemos observar a Rocinha, favela localizada na zona sul do Rio de Janeiro, que possui 10 moradores em um mesmo espaço com medida igual a que, normalmente, vive somente 1 pessoa no restante da cidade do Rio.

A higienização das mãos também é outra recomendação bastante citada para a contenção do vírus. O álcool em gel e a lavagem simples com água e sabão foram as técnicas mais recomendadas nesta pandemia, porém ambas as possibilidades apresentaram dificuldades para serem acessadas por grande parte da população brasileira.

O álcool em gel, por exemplo, sofreu um aumento de até 161% no início da pandemia<sup>14</sup>. Tais produtos que custavam em média 16 reais, em alguns lugares, passaram a custar mais de

---

[https://odia.ig.com.br/diversao/celebridades/2020/03/5884979-gabriela-pugliesi-e-criticada-por--roman\\_tizar--coronavirus--colocou-tudo-no-lugar.html](https://odia.ig.com.br/diversao/celebridades/2020/03/5884979-gabriela-pugliesi-e-criticada-por--roman_tizar--coronavirus--colocou-tudo-no-lugar.html). Acessado em: 21 de agosto de 2021.

<sup>12</sup> Publicação feita em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-se-proteger>.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://datalabe.org/junto-e-misturado-isolamento-e-quarentena-sao-possiveis-nas-favelas/#:~:text=Os%20dados%20do%20Censo%20Populacional,%C3%A9%20de%20aproximadamente%20tr%C3%AAs%20pessoas>.

<sup>14</sup> Reportagem disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/12/governo-controla-precos-tabelar-mascara-alcool-gel-agua-coronavirus.htm>.

40 reais. Pode incluir nessa super inflação de preços o valor das máscaras que também tiveram um aumento exagerado dos seus preços em cerca de 569%, valores inacessíveis para grande parte da população.

A lavagem das mãos com água e sabão foi uma indicação para a higiene individual e mesmo sendo considerada como algo básico e de, aparentemente, mais fácil acesso, também não foi possível de ser posta em prática por todos. Favelas e periferias sempre sofreram com a falta d'água e na pandemia não foi diferente. Segundo uma matéria do G1<sup>15</sup>, 7 a cada 10 moradores de comunidades e favelas da região metropolitana de São Paulo, participantes da pesquisa, relataram haver dificuldades quanto ao acesso à água. Dentre os entrevistados na pesquisa, 65% disseram sofrer com os mesmos problemas de abastecimento anteriores à pandemia e para cerca de 30% esse problema piorou.

Segundo Rodrigues (2021), a pandemia evidenciou problemas que afetam moradias de qualidade e isso reflete, também, no problema de abastecimento de água tratada, que é um dos fatores básicos para uma boa qualidade de vida. E apesar de terem conseguido promover o acesso de água a boa parte das favelas, a garantia do serviço diário não foi certificada, tendo em vista que esses lugares ainda sofrem com a falta d'água.

Com base nesses dados aqui apresentados, percebemos que moradores de favelas e de periferias tiveram dificuldades que as classes mais altas não sentiram. Evidenciando que as medidas de enfrentamento propagadas pelas autoridades sanitárias dirigiam-se para as camadas da elite da sociedade que podem cumpri-las sem tantas dificuldades (FLEURY e MENEZES, 2021).

Com base nessa discussão, voltemos às questões anteriores: a pandemia impactou a vida de todo o planeta, mas será que todos foram impactados da mesma forma? E estamos todos de fato no mesmo barco?. Podemos responder tais perguntas utilizando o verso da música *Primavera Fascista 2*<sup>16</sup> no qual Mary Jane canta “Eles fala [*sic*] que nós tamo [*sic*] no mesmo barco / Só que tu tá [*sic*] num iate e nós tá [*sic*] num bote furado”.

Tendo em vista as dificuldades abordadas que são vividas no cotidiano de quem mora em áreas marginalizadas, Fleury e Menezes (2021) afirmam que organizações e lideranças

---

<sup>15</sup> Disponível

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/05/20/70percent-dos-moradores-de-favelas-da-grande-sp-relatam-dificuldade-para-ter-acesso-a-agua-aponta-pesquisa.ghtml>

<sup>16</sup> Primavera Fascista 2 - Bocaum, Noventa, Mary Jane, Souto, Axant, DK, VK, Akilla, Dudu. Link do clipe: <https://www.youtube.com/watch?v=foqolD8GXUU>

presentes nesses locais se mobilizaram por meio de ações e diferentes estratégias para o enfrentamento da pandemia.

### **Movimentos Populares na Pandemia**

Com o andamento da pandemia, muitas organizações e coletivos comunitários voltaram suas atenções para a diminuição dos impactos nas comunidades. Não havendo políticas públicas que pensassem o enfrentamento da pandemia a partir da realidade de quem vive nas favelas e periferias, os moradores tiveram que planejar ações que buscassem diminuir os efeitos causados pelo cenário pandêmico. (FLEURY e MENEZES, 2021).

Essas ações foram desde doações de cestas básicas e mantimentos até trabalhos educativos e informativos sobre a pandemia do coronavírus. Compreendendo o vínculo indissociável entre a educação popular e os movimentos sociais, discutirei como os movimentos populares têm se organizado e realizado ações de Educação Popular durante a pandemia da Covid-19. Para tal, foi feita uma pesquisa por meio da internet para mapear essas atividades comunitárias no contexto atual. Em um primeiro momento, foi realizada a procura através de plataformas de busca, como a do Google, utilizando palavras-chaves.

Inicialmente, não foi obtido um resultado satisfatório, pois foram encontradas mais informações relacionadas a ações isoladas promovidas na pandemia que não provinham de organizações sociais. A exceção desses casos deve-se às ações encontradas por grandes organizações, como o caso do movimento “Nós por Nós” organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos (MTD) que se articularam para realizar ações durante a pandemia. Eles também organizaram o movimento “Da Terra à Mesa” como o promovido em João Pessoa<sup>17</sup> e que contava com apoio do Fundo Casa Socioambiental<sup>18</sup>, uma rede de mobilização de recursos para iniciativas populares, que colaborou para o desenvolvimento das atividades.

Além desses, outros foram encontrados em artigos, como é o caso do “Fala Akari” que se mobilizou para arrecadação de alimentos, produção de faixas alertando sobre a Covid-19, realização de atividades culturais e educacionais e se preocupava em denunciar a opressão estatal dentro da favela; o “Coletivo Juntos pelo Complexo do Alemão” que busca dialogar com

---

<sup>17</sup> Notícia disponível em: <https://www.brasildefatopb.com.br/2020/09/01/projeto-de-movimentos-populares-une-campo-e-cidadena-luta-por-direitos-na-pandemia>

<sup>18</sup> Informações disponíveis no site o Fundo Casa Socioambiental: <https://casa.org.br/sobre/quem-somos/>

a comunidade através de uma linguagem específica para que a comunicação alcance toda a comunidade através do jornal da favela, de grafites, cartazes, mensagens em carros de som e posts nas redes sociais; a “Frente CDD Contra a Covid 19”, na Cidade de Deus, que objetiva por meio de ações solidárias e comunicação comunitária combater os impactos da pandemia, além disso, distribuem mantimentos e se articulam para cobrar o governo estadual por melhorias na comunidade; o “SOS Providência/Região Portuária” é um comitê de auxílio que busca distribuir cestas básicas, produção de máscaras, instalação de bicas públicas, criação de tutoriais para criar cadastro nos auxílios do governo, além de formar morador-monitor para ajudar no mapeamento e colaborar nas ações de doação e de conscientização dos moradores; o “Gabinete de Crise” da Vila Kennedy faz utilização de carro de som emitindo informações seguras, o grupo também monitora a distribuição de água, produz faixas informativas, distribui alimentos e materiais de limpeza e promove diversas ações educativas sobre a pandemia; o “Grupo Eco” em Santa Marta ajuda mensalmente 50 famílias com alimentos e dá suporte financeiro para custear o gás de cozinha, somado a isso, eles fazem posts informativos sobre a pandemia nas redes sociais e criaram um tele-atendimento médico. (FLEURY e MENEZES, 2021)

Além do SOS Providência/Região Portuária, outra ação que atua no Morro da Providência é o projeto de extensão da Universidade Federal Fluminense (UFF) chamado “Educação Popular em Saúde em tempos de negacionismo: formação e experiências comunitárias”, em que eu atuo como voluntário. Este tem o intuito de desenvolver um trabalho dentro da perspectiva de educação popular em saúde, e visa promover a discussão sobre o negacionismo científico e como enfrentar este fenômeno, tendo como foco, principalmente, o problema da medicação e vacinação. O projeto é organizado por professores e estudantes de diferentes cursos da UFF em parceria com o Pré-Vestibular Comunitário Machado de Assis, localizado no Morro da Providência.

Outro movimento que atua no Rio de Janeiro é o Frente Maré que criou a campanha "Frente de Mobilização da Maré contra COVID-19"<sup>19</sup>. Iniciada em 19 de março de 2020, o foco inicial da organização era levar informação para os moradores das 16 comunidades que compõem a Maré por meio de banners, cartazes e carros de som. Ademais, a campanha se mobilizou para viabilizar doações de cestas básicas e materiais de limpeza, ao todo, foram recebidas mais de

---

<sup>19</sup> Mais informações disponíveis em: <https://www.frentemare.com/frente>

8 mil cestas básicas.

Ao longo de minhas pesquisas, encontrei o site da Benfeitoria (<https://benfeitoria.com>), que é uma plataforma de financiamento coletivo onde organizadores de projetos os inscrevem no sistema para conseguir investimentos e colocar suas ações em prática. Neste site, foram encontrados 41 movimentos populares, como pode ser observado na tabela abaixo, que possuíam, além de objetivos solidários como a doação de mantimentos (cestas básicas e kits de higiene), propostas informativas e também educativas com relação ao atual contexto para conscientizar a população em relação a Covid-19 e para diminuir o impacto da crise promovida pela pandemia.

Tabela 1 - Movimentos Encontrados no site da Benfeitoria

<b>Nome do Movimento</b>	<b>Localidade</b>
Favela contra o Coronavírus - Coletivo Beco	ES
Telecorona da Periferia - Afrosáude	BA
Favela Resiste - Mulheres Unidas do Caratoíra (MURA)	ES
Aqui não, xô corona! em Duque de Caxias	RJ
Aquilombando contra a Covid 19 - Instituto Esperança Garcia	SP
Balaiada contra o coronavírus - Coletivo Balaio	MG
Blog HM Xapuri Contra a Covid-19	AC
Cariri em segurança	CE
Central de Atendimento Jovem	MA
Como se proteger do coronavírus? - Observatório de Favelas do Rio de Janeiro	RJ
Comitê de enfrentamento a covid-19 - Expresso Ação	SP
De quarentena, porém solidários - Centro Comunitário Mario Andrade	PE
Ekos da Floresta	AC
Movimenta Caxias (Façamos tudo daqui)	RJ

Favelas Camarás Unidas contra o Coronavírus	PE
Isolavírus	BA
Jacarezinho contra o corona	RJ
Juventude contra o covid-19 - AJURCC	PB
Mangabeira sem fome - Associação de Moradores do Bairro Mangabeira IV e V	PB
Colabora nessa maré de notícias	RJ
Sussuarana contra o vírus - Coletivo Negritude Sussuarana	BA
Periferia comunica Periferia - Coletivo Caverna, Coletivo Manguecrew, Coletivo Roda Fita e Angola Filmes de Paratibe	PE
Periferias de Olinda contra a Covid-19 - Rede Orgânica Periférica de Olinda	PE
Podemos Combater Juntos - Porta e Janela	MA
Quilombolas Unidos contra o Covid-19 - A Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná (ARQMO)	PA
Rede Rua contra a covid-19	CE
ReExistência é viver (Favela da Matinha) - Projeto ReExistência	SP
A Rocinha Resiste	RJ
Favela São Remo contra o Coronavírus	SP
Se liga no Covid (Morro do Salgueiro) - Se Liga Salgueiro	RJ
Solidariedade e autonomia (Serra Pelada)	SP
Solidariedade e Transformação (Novo Gama) - Diocese Anglicana de Brasília	DF
Solidariedade Feminista MMM - Marcha Mundial das Mulheres	PE
LGBTQIs juntos contra o Covid-19 - Fórum LGBT Potiguar	RN
União Coletiva pela Zona Oeste	RJ

Povo Indígena Xokleng contra o Covid	SC
Favela sem corona	RJ
Fica em casa, São Remo - Projeto Preta ID	SP
Raízes e você contra o covid no CPX	RJ
Jovens Comunicadores contra o Covid-19 (Niterói e São Gonçalo)	RJ
LGBTI X Corona	RJ

Ao final do levantamento, somando todos os projetos encontrados, foram obtidos, ao todo, 51 movimentos populares organizados no Brasil que realizaram ações comunitárias de Educação em Saúde na pandemia, um número considerado bastante relevante, tendo em vista nossa dificuldade inicial. Dividindo o número de movimentos por estado, percebemos que o Rio de Janeiro, com 20 projetos localizados, foi o que possuiu mais movimentos que se encaixavam com o perfil de nossa pesquisa.

Além do Rio de Janeiro, foram mapeados mais 13 estados do Brasil com movimentos que se enquadram em nossa busca, são eles: Acre, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e São Paulo. Além desses localizados em regiões específicas do país, o movimento “Nós por Nós”<sup>20</sup>, do MST e do MTD, atua em território nacional, com campanha realizada em sessenta e três lugares diferentes, estando presente em 18 das 27 unidades federativas do país

### **Considerações Finais**

Com base na discussão feita até aqui, podemos perceber que a pandemia deu destaque às desigualdades sociais, atingindo as classes mais pobres de forma mais agravante do que a elite. Até mesmo as diretrizes de combate a Covid-19 foram pensadas para as classes mais altas, afinal, como as pessoas vão se isolar em casa se não possuem nenhuma fonte de renda a não ser seu próprio trabalho? E mesmo o auxílio do governo, como foi retratado, não foi o suficiente para solucionar o problema. E o que falar sobre lavar as mãos? Ainda temos problemas com relação à distribuição de água que, apesar de ter sistema de acesso para boa parcela da população, o fornecimento de água ainda não é garantido para todas as regiões marginalizadas.

<sup>20</sup> Informações disponíveis em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/31/campanha-nos-por-nos-contra-o-coronavirus-recebe-med-alha-de-direitos-humanos>

E como se isolar em espaços lotados e em condições precárias? Percebemos que tais medidas não foram pensadas abrangendo a classe popular, tampouco houve políticas públicas que, de fato, atendessem aos reais problemas que impedem a população periférica de cumprir tais medidas.

De acordo com Morel (2020) para que os conhecimentos científicos dialoguem com a realidade cotidiana é preciso mais do que ter acesso a informação, se faz necessário a construção de conhecimentos a partir da vida coletiva e que a ciência seja influenciada pelos saberes das comunidades para não continuar adotando medidas de caráter higienista.

Essas diretrizes de combate a Covid-19 se aproximam de uma perspectiva higienista, seguindo princípios da Educação Sanitária, tratando os sujeitos como ignorantes e sem levar em conta o contexto no qual eles estão inseridos. É notório a importância das organizações populares e comunitárias para dar voz a esses sujeitos presentes no espaço. Esses movimentos surgiram, e ainda surgem, com o objetivo de dialogar com a comunidade e, a partir da realidade do povo, adotar propostas educativas e informativas sobre a pandemia.

O levantamento dos movimentos populares, apresentado neste artigo, mostra que a despeito de um contexto permeado por desigualdades, violências e um diálogo vertical entre ciência e comunidade, iniciativas comunitárias baseadas no apoio mútuo possibilitam aproximar os cuidados em saúde tão importantes neste momento das diferentes realidades dos territórios. E além disso, também evidencia como essas organizações, realizadas de norte a sul do Brasil, são relevantes para discutir e promover a saúde nas comunidades e áreas periféricas da sociedade.

Com base nisso, percebemos a importância de potencializar as ações da educação popular, inclusive no âmbito do Sistema Universal de Saúde (SUS). Este, mesmo enxergando a saúde como sendo determinada por diversos fatores que influenciam na vida do indivíduo, observamos que determinadas práticas ainda estão distantes do contexto que cerca a classe popular.

Dessa forma, as experiências de educação popular precisam ir além de atividades isoladas. Devemos continuar lutando para que essa perspectiva seja uma diretriz para as ações na saúde e então colaborar na luta por um estado mais democrático, ou seja, ser utilizada como ferramenta para que tenha uma participação popular mais ativa na construção dessas políticas públicas (VASCONCELOS, 2004).

A pandemia não pode ser analisada somente como um vírus que afeta a humanidade de maneira igual, mas sim entender que o processo de saúde envolve também os fatores sociais, culturais, históricos, econômicos e políticos que cercam os sujeitos, não se resumindo somente ao fator biológico. E é nesta perspectiva que a Educação Popular em Saúde vai atuar, buscando promover autonomia e emancipação dos sujeitos.

A preocupação aqui não se resume a meras ações educativas que visem apenas determinar novas práticas a serem adotadas pela população a fim de diminuir o contágio da doença, mas sim discutir e refletir sobre as realidades e atuar sobre elas. Dessa forma, os movimentos de Educação Popular em Saúde, como os tratados nesta pesquisa, vão visar suas propostas de atuação na comunidade, a partir de um diálogo horizontal, levando em consideração as particularidades dos indivíduos e então fazer um trabalho social, humanitário e educativo que seja, de fato, popular.

## Referências

BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 13.982**, de 2 abr. 2020. Altera a Lei n. 8.742, de 7 dez. 1993, para dispor sobre parâmetros adicionais de caracterização da situação de vulnerabilidade social para fins de elegibilidade ao benefício de prestação continuada (BPC), e estabelece medidas excepcionais de proteção social a serem adotadas durante o período de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19) responsável pelo surto de 2019, a que se refere a Lei n. 13.979, de 6 fev. 2020. Diário Oficial da União, Brasília, 2 abr. 2020c. Disponível em: . Acesso em: 26 ago. 2021.

BUENO, F.T.C., SOUTO, E.P., and MATTA, G.C. Notas sobre a trajetória da Covid19 no Brasil. In: MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J., eds. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia** [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora

FIOCRUZ, 2021, pp. 27-39. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0.

COSTA, REGINALDO SCHEUERMANN. Pandemia e crise capitalista: a situação das favelas. In: LOLE, Ana; STAMPA, Inez; GOMES, Rodrigo Lima R. **PARA ALÉM DA QUARENTENA: REFLEXÕES SOBRE CRISE E PANDEMIA**. [S. l.]: Mórula Editorial, 2020. p. 157-168. ISBN 9786586464153. Disponível em: <https://morula.com.br/wp-content/uploads/2020/06/ParaAlemDaQuarentena.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2021.

FLEURY, Sonia; MENEZES, Palloma. **Pandemia nas favelas: entre carências e potências**. Saúde em Debate, v. 44, p. 267-280, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71 ed. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e

Terra. 2019.

GONÇALVES, Ricardo; NASCIMENTO, Julio Cesar; OLIVEIRA, Ana Luíza Matos de; MICHELMAN, Carolina; GUIDOLIN, Ana Paula; MELLO, Guilherme. **Impactos do Auxílio Emergencial na Renda e no Índice de Gini. Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica - IE/UNICAMP Nota do Cecon**, [S. l.], n. 16, p. 1-12, 16 abr. 2021

Disponível em:

<https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/nota-cecon/nota-cecon-auxilio-emergencial-01042021final.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2021.

IBGE. **PNAD Contínua**. 25 mai 2021. Disponível em:

[https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilios\\_continua/Trimestral/Novos\\_Indicadores\\_Sobre\\_a\\_Forca\\_de\\_Trabalho/pnadc\\_202101\\_trimestre\\_novos\\_indicadores.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Novos_Indicadores_Sobre_a_Forca_de_Trabalho/pnadc_202101_trimestre_novos_indicadores.pdf)

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 20. ed.. São Paulo: Editora Ática, 2000. Ignorar, p.374.

MOREL, Ana P. M. **Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica**. Trabalho, Educação e Saúde, v. 19, 2021, e00315147. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00315.

NESPOLI, G. Da educação sanitária à educação popular em saúde. p. 47-51; In: **Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde: textos de apoio** / Organização de Vera Joana Bornstein. [et al.]. - Rio de Janeiro: EPSJV, 2016.

RODRIGUES, Rute Imanishi. **O Abastecimento de Água nas Favelas em Meio à Pandemia da Covid-19**. 2021.

SCHUCHMANN, A. Z.; SCHNORRENBERGER, B. L; CHIQUETTI, M. E.; GAIKI, R. S.; RAIMANN, B. W.; MAEYAMA, M. A. (2020). **Isolamento social vertical X Isolamento social horizontal: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de COVID-19**. Brazilian Journal of Health Review, 3(2), 3556–3576. doi: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n2-185>. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/9128>.

VALLA, Victor Vicent. **A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas**. Educ Realidade. 1996; 21(2):177-190.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. **Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde**. Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]. 2004, v. 14, n. 1 [Acessado 1 Setembro 2021] , pp. 67-83. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312004000100005>>. Epub 25 Jun 2008. ISSN 1809-4481. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312004000100005>.